

ARQUITETURA E VOO: NOTAS SOBRE UM POEMA DE JOAQUIM CARDOZO

BARBOSA, Rodrigo Garcia¹

RESUMO: Este estudo analisa a relação entre esporte, arquitetura e poesia a partir dos poemas que compõem a seção “Arquitetura nascente & permanente e outros poemas”, que fecha o livro *Signo Estrelado*, publicado em 1960 pelo poeta Joaquim Cardozo; especialmente o poema “O salto tripartido”, que homenageia o esportista brasileiro Adhemar Ferreira da Silva, recordista mundial e bicampeão olímpico no salto triplo. Tal análise busca destacar a dimensão estética da atuação do atleta a partir da perspectiva oferecida pela poesia, considerando sua proximidade estética com a arquitetura, relacionada principalmente à construção de Brasília, da qual Cardozo participou como calculista do projeto. Para tanto, além do referencial teórico relacionado ao contexto em que a obra se insere, o texto se baseia principalmente nos trabalhos de Hans Ulrich Gumbrecht sobre o esporte.

PALAVRAS-CHAVE: esporte; arquitetura; poesia; Joaquim Cardozo.

ARCHITECTURE AND FLIGHT: NOTES ON A POEM BY JOAQUIM CARDOZO

ABSTRACT: This study explores the connection between sport, architecture, and poetry through the poems in the section “Arquitetura nascente & permanente e outros poemas,” which closes the book *Signo Estrelado* by poet Joaquim Cardozo, published in 1960. It focuses especially on the poem “O salto tripartido”, which honors Brazilian athlete Adhemar Ferreira da Silva, a world record holder and two-time Olympic gold medalist in the triple jump. This analysis aims to highlight the aesthetic dimension of the athlete's performance from a poetic perspective, considering its aesthetic closeness to architecture, particularly related to the construction of Brasília, in which Cardozo was involved as a project calculator.

¹ Professor Associado da Universidade Federal de Lavras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0775-0475> . E-mail: rodrigobarbosa@ufla.br .

To achieve this, the paper draws on the theoretical context of the work and primarily relies on Hans Ulrich Gumbrecht's writings on sport.

KEYWORDS: sport; architecture; poetry; Joaquim Cardozo.

*“O que, então, os homens colocam no esporte?
Eles mesmos, seu universo de homem.
O esporte é feito para relatar o contrato humano.”
(O que é o esporte?, Roland Barthes, 2009)*

1. A ARQUITETURA

Em 1960 o poeta Joaquim Cardozo (1897-1978) publicou *Signo estrelado*, coletânea em que consta “O salto tripartido”, poema transcrito abaixo:

Havia um arco projetado no solo
Para ser recomposto em três curvas aéreas,
Havia um voo abandonado no chão
À espera das asas de um pássaro;

Havia três pontos incertos na pista
Que seriam contactos de pés instantâneos.
Três jatos de fonte, contudo, ainda secos,
Três impulsos plantados querendo nascer.

Era tudo assim expectativo e plano
Tudo além somente perspectivo e inerte;
Quando Ademar Ferreira, com perfeição olímpica,
Executou, em relevo, o mais alto,
- Em notas de arpejo
- Em ritmo iâmbico
O tripartido salto.

(CARDOZO, 2007, p. 225)

O poema é dedicado ao esportista Adhemar Ferreira da Silva, recordista mundial e bicampeão olímpico no salto triplo (Helsinque, 1952; Melbourne, 1956). Sua publicação coincide com um período de importantes vitórias esportivas para o Brasil, iniciadas justamente

com as medalhas olímpicas de Adhemar Ferreira e seguidas, por exemplo, pelo bicampeonato mundial de futebol (1958 e 1962), pelo bicampeonato mundial de basquete (1959 e 1963) e pelas conquistas individuais da tenista Maria Esther Bueno nos principais torneios do mundo (1959 a 1966). Tais conquistas desportivas, por sua vez, também coincidem com acontecimentos significativos em outros campos, como na arquitetura, marcada pela inauguração de Brasília, em 1960, e na música, com o lançamento em 1959 de *Chega de Saudade*, álbum de João Gilberto que se tornou um marco da Bossa Nova dentro e fora do país. Apesar de distintos, esses eventos se inserem em um mesmo contexto de euforia nacional, no qual se cultivava a imagem de um país que acelerava para um futuro de reconhecimento e conquistas, alinhado com o que havia de (era considerado como) mais avançado no mundo. É o que demonstra Euclides de Freitas Couto (2014), que ao traçar uma história política do futebol no Brasil destaca o clima de otimismo que integrava o desenvolvimentismo de JK à vitória na Copa do Mundo de 1958, ambos em sintonia com o aparecimento da Bossa Nova, que também se afinava com o clima do período, como aponta Santuza Cambraia Naves (2001, p. 30): “A estética da bossa nova, com seu aspecto solar, harmonizava-se com o otimismo que marcou o governo Juscelino Kubitschek e sua utopia desenvolvimentista representada pela construção de Brasília, a ‘capital do futuro’.”

Couto (2014, p. 86) ressalta como na época o otimismo “espalhou-se rapidamente pelo imaginário coletivo da sociedade”, entrelaçado nas conquistas musicais, esportivas e políticas (cujo ícone foi a construção e inauguração de Brasília), e como o campo literário não ficou alheio a tais circunstâncias, observando como o poeta Carlos Drummond de Andrade relacionava “a conquista da Copa e o amadurecimento das instituições sociais no país” (COUTO, 2014, p. 89), em crônica publicada no *Correio da Manhã*, em 1º julho de 1958:

Não me venha insinuar que o futebol é o único motivo nacional de euforia e que com ele nos consolamos da ineficiência ou da inaptidão nos setores práticos. Essa vitória no estádio tem precisamente o encanto de abrir os olhos de muita gente para as discutidas e negadas capacidades brasileiras de organização, de persistência, de resistência, de espírito associativo e de técnica.

[...]

Mas agora, vemos o futebol operando ou espelhando ainda maiores transformações, pois a conquista do campeonato mundial demonstrou a meu ver um maior entrosamento de forças sociais [...]. Tudo isso, em termos de educação nacional, é confortador, e permite alongar a vista para mais longe do campo de jogo, dá à gente um certo prazer matinal de ser

brasileiro, menos por haver conquistado a Taça Jules Rimet do que por havê-la merecido.
(ANDRADE, 2014, p. 25-26)

Certamente as vitórias esportivas no futebol tiveram maior repercussão que qualquer outra, por sua inserção profunda na cultura e no imaginário brasileiros, o que se comprova pela fartura de materiais disponíveis – reportagens e crônicas de jornal; produções literárias, radiofônicas, televisivas e cinematográficas; relatos pessoais e documentos oficiais – que ilustram como o jogo compunha, em parceria com outros campos culturais, o imaginário nacional, contribuindo com vitórias para uma autoimagem positiva – ou negativa, no caso das derrotas. Couto (2014) percebe esse fenômeno, ao estudar as relações entre futebol e política no Brasil entre 1930 e 1978, seja na vitória na Copa do Mundo de 1958, seja na derrota no Mundial de 1950, por exemplo. Nesses e em outros episódios, fica evidenciada a importância do esporte como catalisador de uma autoimagem nacional; tanto que frequentemente ele será utilizado pelas forças políticas (de situação e de oposição) como veículo de difusão ideológica. Como exemplo, pode-se citar, segundo o pesquisador, a captura política e publicitária da vitória brasileira na Copa do Mundo de 1970 pela ditadura militar imposta em 1964; como também o braço erguido e o punho cerrado do atacante Reinaldo, do Clube Atlético Mineiro, ao comemorar seus gols, reproduzindo no contexto repressivo brasileiro dos anos 1970 o gesto que os atletas norte-americanos Tommie Smith e John Carlos realizaram no pódio dos Jogos Olímpicos da Cidade do México, em 1968, e que simbolizava a resistência dos negros ao segregacionismo racial nos Estados Unidos.

Mesmo assim, é possível considerar outras conquistas desportivas no somatório que compõe o cenário destacado, ainda que elas não tenham sido evidenciadas como as vitórias futebolísticas, nem tão exploradas política e culturalmente. Afinal, a própria publicação do poema de Cardozo conecta o atleta olímpico e a nova capital nacional, já que o autor dos versos foi também o projetista estrutural na construção de Brasília. Nas palavras de Felipe Fortuna (2007, p. 49): “Reza a lenda que os arcos do Palácio da Alvorada foram inspirados pelo salto triplo de Ademar Ferreira da Silva. Para Joaquim Cardozo, que efetuou os cálculos matemáticos, a demonstração olímpica transformou-se num poema”. Assim, se a lenda merece crédito, aos olhos que mediram as probabilidades para a edificação que simbolizaria a nova imagem da nação (por consequência, a imagem de uma nova nação), o triunfo do atleta se alinha com a ascensão triunfal da cidade, movimentos plasticamente concretizados em palavras e cimento. Mas, para além da lenda, há o fato de que “O salto tripartido” integra a seção final de

Signo Estrelado, intitulada “Arquitetura nascente & permanente e outros poemas”, composta por cinco poemas: os que nomeiam o conjunto – dois poemas articulados em um, “Arquitetura nascente” e “& permanente” – e os “outros” – “O salto tripartido”, “A página” e “A constante vitória”, este último sobre tema análogo ao do poema que homenageia o atleta olímpico, e que narra em tom épico uma vitória hípica:

[...]

Nos instantes finais – a égua atropelando os últimos galões –
Seu jóquei deixou cair na raia o boné: uma centelha,
Fazendo explodir o silêncio em sons emancipados
– Silêncio de gás infiltrado, envolvente –
E dos ares convulsos, contraídos e tensos
Um bando de pássaros voou desmoronado.
Então no vértice do cone dos tempos pisados, corridos,
Seu vulto avançou, ampliou-se em dimensões de mármore:
Duro, firme, para sempre transpondo o vencedor,
Em relevos de estátua movente.

(CARDOZO, 2007, p. 229)

Com isso, coabitam na mesma seção do livro versos que abordam a construção arquitetônica e as vitórias desportivas, disposição que justifica considerar, para além da coincidência temporal, as implicações mútuas entre os poemas, e que permite associar ao movimento triunfal do atleta a dimensão monumental da edificação arquitetônica, ambos investidos de valores estéticos e, conseqüentemente, simbólicos. E se considerarmos que a arquitetura em questão está relacionada com a construção de Brasília², então não parece exagero projetar sobre o salto de Adhemar Ferreira da Silva a potência simbólica da qual foi revestida a construção da cidade, ainda que suas vitórias olímpicas não tenham recebido o mesmo destaque das conquistas futebolísticas, nem tenham sido objetivamente vinculadas à utopia desenvolvimentista e nacionalista do período. Tal projeção é poética, já que as duas medalhas olímpicas e os recordes mundiais conquistados pelo atleta ocorreram entre 1952 e 1956, antes

² Segundo Everardo Norões (2007, p. 114): “Era o início da construção de Brasília, da qual Joaquim Cardozo foi o grande calculista e poeta. O poema ‘Arquitetura nascente & permanente’, que integra o livro *Signo Estrelado*, de 1960, foi seu registro poético sobre uma das obras mais importantes da arquitetura mundial, na qual deixou traço inconfundível.”

portanto do início das obras da nova capital brasileira, em 1957, apesar de sua idealização e projeto remeterem aos dois anos anteriores; mas é preciso considerar também que “O salto tripartido” foi publicado no mesmo ano em que Brasília foi inaugurada, e que sua composição provavelmente se deu em concomitância com a projeção estrutural da cidade. Assim, na seção destacada de *Signo Estrelado*, as distâncias temporais estão poeticamente abolidas, e edificação e atleta, irmanados, *avançam e se ampliam* “em dimensões de mármore”, em “relevos de estátua movente”, como a égua vencedora do poema de Cardozo, revelando uma afinidade que é menos política que estética, ambos compreendidos como expressões de beleza.

Se tal compreensão é trivial no caso da arquitetura, em que não se hesita ao se falar em “beleza”, no caso dos esportes é diferente, como atesta Hans Ulrich Gumbrecht, em seu *Elogio da beleza atlética* (2007). Gumbrecht observa como nos meios intelectuais e acadêmicos em geral o esporte é tratado como um assunto periférico, tomado na maioria das vezes como fenômeno social, cultural e antropológico, em abordagem que o considera “em nome de uma causa não-esportiva”, “como uma ‘função’ ou uma ‘expressão’ de alguma outra coisa” (2007, p. 29, 31)³; e ressalta como são raras as abordagens que demonstrem uma “disposição afetiva” para captar nos gestos dos competidores o que define como uma “beleza atlética”. Isso se daria também com os fãs de esportes, que comumente se referem a um lance ou jogada como *belo*, mas que hesitam em associar essa beleza a uma experiência estética, repercutindo talvez uma crença de que tais experiências “só podem ser desencadeadas por um conjunto limitado de objetos e situações consagrados” (GUMBRECHT, 2007, p. 36): livros “literários”, música de concerto, obras expostas em galerias e museus, peças encenadas num palco. Assim, ao fazer dos movimentos de Adhemar Ferreira o objeto de seu poema, Joaquim Cardozo adotaria um ponto de vista incomum, ao demonstrar a “disposição afetiva” necessária para perceber e expressar a “beleza atlética” do salto, análoga à disposição que percebe a beleza do edifício arquitetado.

Certamente é preciso relativizar esse caráter incomum, já que não é raro que os poetas se interessem pelos esportes (para ficarmos apenas na poesia) e busquem traduzir em versos os movimentos de atletas de diferentes modalidades. Podemos citar, por exemplo, os versos de João Cabral de Melo Neto sobre toureiros espanhóis (sem precisar discutir o caráter esportivo da tauromaquia) e jogadores de futebol; ou os cinquenta e um sonetos de Wilberth Salgueiro

³ É preciso admitir que em alguns momentos este trabalho também “comete” a mesma abordagem. Contudo, a partir dessa admissão de culpa, ele espera exercitar o olhar para captar as perspectivas negligenciadas do esporte.

que em sequência narram “O jogo”⁴, uma partida de futebol em que se encena um drama dentro e fora das quatro linhas; além de outros poemas dispersos nas obras de vários outros poetas. Mas, ainda que presentes, tais poemas ocupam um espaço reduzido dentro da produção poética moderna e contemporânea, mesmo aqueles que só tomam os esportes como mote ou pretexto para o desenvolvimento de outro tema ou assunto.

2. O VOO

Se o ponto de vista de “O salto tripartido” é incomum, o interesse da poesia pelos esportes não é novo. Na verdade, como propõe Gumbrecht (2007, p. 25), “não é exagero (embora talvez seja uma ligeira simplificação) afirmar que a poesia europeia começou com o elogio aos atletas nas odes de Píndaro”, ainda que esses atletas não ocupassem o foco principal dos poemas, que se dedicavam mais a enumerar as vitórias conquistadas do que a descrever plasticamente os movimentos. E é sob a presença dessa relação umbilical entre esporte e poesia que o poema de Joaquim Cardozo nos apresenta o atleta, não só comparado ao arquiteto, mas também ao poeta. Tais comparações se dão inicialmente a partir de imagens que projetam, no tempo que antecede o salto, elementos do universo arquitetônico, como o “arco projetado no solo” esperando para “ser recomposto em três curvas aéreas” que, na primeira estrofe, põe em jogo a dinâmica do projeto e da construção, da antecipação intelectual e da ação, do cálculo que precede a execução da obra; elementos que retornam no início da terceira estrofe, quanto tudo era ainda “expectativo e plano”, “perspectivo e inerte”, antes que o atleta executasse “em relevo”, na tridimensionalidade, o que fora arquitetado na bidimensionalidade da planta, como “impulsos plantados querendo nascer”. No entanto, esse tempo é marcado por uma negatividade, expressada no “voo abandonado”, nos “pontos incertos”, nos “jatos de fonte ainda secos”, no “tudo inerte”, o que faz do poema menos um elogio do cálculo do que uma apologia da ação, do movimento do corpo de Adhemar Ferreira materializado no tempo e no espaço.

O contraste entre a negatividade do projeto e a positividade da ação reverbera o que Gumbrecht observa a respeito da dificuldade de se “escrever sobre o ‘esporte como esporte’” (2007, p. 31), de se enxergar seus aspectos “meramente materiais ou corpóreos”, herança da tradição metafísica ocidental, que distingue e privilegia o espiritual em relação ao material. Essa tradição, aliada à “perda de status” do esporte na cultura ocidental moderna, quando

⁴ Cf. SALGUEIRO, Wilberth. *O jogo, Micha e outros sonetos*. São Paulo: Editora Patuá, 2019.

considerada, por exemplo, sua importância na antiguidade clássica⁵, resultaria, segundo o autor, na dificuldade em valorizar os corpos dos atletas na plenitude de sua materialidade, sem tomá-los como signos de alguma outra coisa imaterial e, portanto, superior. Dificuldade que o poema encena, mesmo não aderindo completamente à tradição metafísica, mas também não se destacando totalmente dela. Afinal, se a execução do salto contrasta com a polaridade negativa dos versos, ao fazê-lo o poema não mantém “os olhos e a mente concentrados nos corpos dos atletas” (2007, p. 31), como propõe Gumbrecht, mas “recorre a tropos de abstração, à metonímia ou à metáfora” (2007, p. 31), replicando a prática de se tomar o esporte como expressão de outra coisa, ou mais precisamente de interpretá-lo a partir de uma perspectiva externa a sua própria prática. Mas a construção do poema é antes de tudo dialética, e seus elementos encerram em si sua contradição, já que, se o “tripartido salto” confere as “asas de um pássaro” ao “voo abandonado no chão”, abstraindo na figuração o corpo do atleta, também recompõe “em três curvas aéreas” o “arco projetado no solo”, expressão mais icônica – e portanto mais concreta – do movimento do corpo lançado no espaço-tempo; e se a ação executada faz nascer os “impulsos plantados” e jorrar os “jatos de fonte ainda secos”, também dá a ver a precisão e a velocidade dos “pés instantâneos” e agora certos, captação metonímica da anatomia do esportista que contrasta com a abstração dos impulsos e a figuração metafórica dos jatos de fonte. Ou seja, a percepção poética da dinâmica corpórea de Adhemar Ferreira transita, nas duas estrofes iniciais, entre a tomada do “esporte como esporte”, já que escolhe o movimento atlético como objeto, e a adoção dos “tropos de abstração” que remetem o esporte a horizontes alheios à sua prática. Mas é preciso reconhecer que nem todos são tão alheios assim, visto que a concretização efetiva do salto, na última estrofe, se dá por imagens que remontam à antiga relação entre esporte e poesia: as “notas de arpejo” e o “ritmo iâmbico”. Pode-se dizer que ambas as expressões, que compõem os últimos versos do poema, representam versões diferentes dessa relação, pois remetem respectivamente à música e à poesia, artes cujas relações também são antigas e profundas, de tal modo que muitas vezes estão conjugadas em uma só expressão artística. Além disso, as duas imagens metafóricas apresentam em comum uma precisa relação icônica com o movimento do atleta, fazendo da efetiva representação da

⁵ É inegável que ao longo do século XX os esportes em geral se converteram em um fenômeno cada vez mais midiático, afastando-se do caráter cerimonial e mítico que possuíam nas antigas sociedades, algo entre o sagrado e o aristocrático, e se aproximando progressivamente da indústria cultural e de entretenimento. Isso certamente está relacionado à “perda de status” de que fala Gumbrecht, apesar dessa transformação implicar em uma massiva popularização dos esportes, o que também explica a falta de prestígio entre os estratos mais eruditos e intelectualizados da sociedade e da academia, herdeiros de uma tradição crítica iluminista que, segundo o autor, também está na raiz da dificuldade do elogio à beleza atlética.

ação o ápice de sua concretização no poema – dinâmica de intensificação progressiva que incorpora a mecânica da corrida e do salto.

O salto triplo é uma prova olímpica da modalidade atletismo em que, após uma corrida inicial, o esportista executa três saltos em sequência, terminando por fim em uma caixa de areia. Assim, os movimentos sucessivos praticados pelo atleta encontram nas “notas de arpejo” uma imagem que remete iconicamente à sua própria dinâmica, pois a expressão musical designa um acorde cujas notas são tocadas sucessivamente, como os pés do saltador tocando o solo em sequência. Com isso, a metáfora reúne as dimensões visual e sonora em uma imagem que aglutina e associa dinâmicas pertencentes a campos ou práticas distintas, mas semelhantes em sua estrutura sequencial, corporificando no poema os gestos do atleta. Tal associação, no entanto, vai além da representação icônica, pois ao comparar a sequência de saltos ao acorde musical arpejado lança sobre o primeiro termo a ideia de harmonia e arranjo inerente ao segundo, inserindo no ato de saltar para vencer determinada distância, ação pragmática que visa um objetivo prático, a condição de um gesto que se dobra sobre si mesmo para equilibrar suas medidas e proporções, pretensão estética que se une à motivação esportiva. Tal pretensão revela, assim, a disposição para captar no salto de Adhemar Ferreira a “beleza atlética” de que fala Gumbrecht, caracterizando a perspectiva incomum anteriormente mencionada.

Por sua vez, a associação imagética do salto com o “ritmo iâmbico” também explora o referencial icônico da metáfora, mas a partir de outros elementos. A referência ao pé métrico grego, composto por um tempo fraco seguido de um tempo forte (uma sílaba breve seguida por uma longa), também reproduz, agora em referência poética, a dinâmica do salto, atenta porém a outra dimensão: se a imagem do arpejo figura, com sua sucessividade, a horizontalidade do movimento empreendido pelo saltador, que progride no tempo-espço ao executar a sequência de saltos, o “rítmico iâmbico”, com sua variação de intensidade, incrementa a imagem, não somente por destacar a diferença entre as distâncias percorridas – quando o pé do esportista está em contato com o solo (medida curta, momento breve) e quando o seu corpo todo percorre o espaço em suspensão (medida e tempo longos) –, mas também por indicar o que aí existe de verticalidade, sugerindo as subidas e decidas do atleta impulsionado em cada salto, “em relevo”. Ou seja, ao traduzir o movimento em “notas de arpejo” e “ritmo iâmbico”, o poema o transporta da bidimensionalidade do plano, do projeto, para a tridimensionalidade da ação, materializando em palavras toda a dinâmica envolvida no momento do salto, ao contrastar a negatividade e a positividade dos versos, as abstrações e os diferentes níveis de concretude das imagens. Com isso, tudo o que era “expectativo” e “inerte” também se dinamiza, e as “curvas aéreas”

projetadas, o “voo abandonado no chão”, os “jatos de fonte” secos e plantados ganham vida e também dão forma ao salto de Adhemar Ferreira da Silva, recomposto em “três curvas aéreas”, não para ressignificá-lo para além do campo esportivo, mas para dar a ver, através dos traços artísticos indicados, sua beleza atlética – enquanto o poema compõe e evidencia sua própria beleza poética.

A materialização da dinâmica esportiva também se revela na igualmente icônica arquitetura poemática que, incorporando “O salto tripartido”, se organiza em três estrofes: as duas primeiras isométricas, dois quartetos que correspondem aos dois primeiros saltos do atleta, e a última mais extensa, composta por sete versos que equivalem ao salto derradeiro, mais longo, que busca vencer a máxima distância. Além disso, o jogo que se estabelece entre os dois extremos do poema – o título e o verso final – constitui um fecho que, de uma só vez, reforça a precisão dos atos emparelhados – poema e salto – e materializa as dinâmicas de serem “mais altos” sem deixar de ser eles mesmos: entre “O salto tripartido” do título e “O tripartido salto” do último verso, a inversão da ordem das palavras, além de conformar a rima com precisão, estabelece uma dinâmica internalizada, que não ultrapassa o poema, ampliando-o sem no entanto abandoná-lo. Projetamos aqui o “dinamismo imóvel” ou a “imobilidade inquieta” de que nos fala Georges Didi-Huberman⁶, referindo-se à possibilidade de “um ser em movimento [...] cristalizar-se, esculpir-se diante, ou melhor, em nosso olhar”⁷ (DIDI-HUBERMAN, 2008, p. 110; tradução nossa); projeção que nos remete aos versos finais de “A constante vitória”, que repetimos abaixo:

Então no vértice do cone dos tempos pisados, corridos,
Seu vulto avançou, ampliou-se em dimensões de mármore:
Duro, firme, para sempre transpondo o vencedor,
Em relevos de estátua movente.

(CARDOZO, 2007, p. 229)

Considerando as relações anteriormente estabelecidas entre os poemas de *Signo estrelado* e as implicações entre poesia e esporte apresentadas, os versos acima iluminam “O salto tripartido” ao destacar no poema e no salto um caráter escultural que, sem abolir seus

⁶ As expressões de Didi-Huberman se aplicam às performances do toureiro Juan Belmonte e do bailarino Israel Galván, o que atesta sua pertinência para uma leitura que se dedica à performance de um atleta, já que todas se constituem a partir dos movimentos do corpo.

⁷ “*un ser en movimiento [...] cristalizarse, esculpirse ante, o mejor, en nuestra mirada*”.

dinamismos, cristaliza-os como objetos estéticos, inquietos em sua imobilidade que se ativa quando ambos se materializam em nosso olhar, permitindo que o efêmero permaneça, que o tempo se dissolva, que as façanhas do atleta e do poeta se eternizem. Não por acaso o rigor estrutural demonstrado se expressa na “perfeição olímpica” dos gestos em cena, em referência que não remete apenas aos jogos na sua versão moderna, mas também na sua dimensão mítica, onde por fim todas as ações humanas se entrelaçam.

A coexistência entre movimento e imobilidade, entre o permanente e o efêmero, libera os objetos do fluxo da história sem retirá-los dela; como um poema, que se constitui ao mesmo tempo dentro e fora da linguagem. Esse dinamismo peculiar, que permite estar “ao mesmo tempo” em duas condições, promove, como dito acima, a dissolução do tempo, o que não significa sua extinção, mas a abolição dos limites que separam e excluem passado, presente e futuro, criando um tempo único, em que todas as temporalidades se reúnem em um mesmo espaço. Essa seria uma definição de mito, se tomarmos o que diz Octavio Paz (2012, p. 69) – “O mito não se situa numa data determinada, mas em ‘uma vez’, um nó em que espaço e tempo se entrelaçam. [...] O mito é um passado que é um futuro disposto a se realizar num presente.” – um tempo original que retorna sempre que um poema coloca em ação sua dinâmica rítmica, matéria-prima da composição poética. Assim, os gestos “Em notas de arpejo” e “Em ritmo iâmbico” do atleta transpõem o tempo histórico e alcançam, “com perfeição”, o tempo “olímpico”, em que o salto já não é apenas o resultado final de uma mecânica de músculos, tendões e ossos, mas, sem deixar de sê-lo, um testemunho sobre a vontade humana de vencer “a resistência das coisas”, nas palavras de Roland Barthes (2009, p. 101), de “estabelecer que o homem é capaz de apoderar-se de todo o universo físico” (2009, p. 103).

Se “todo poema é um mito” (PAZ, 2012, p. 70), “O salto tripartido” reconstitui – na imbricação plástica dos movimentos de Adhemar Ferreira da Silva, das edificações arquitetônicas e das construções poéticas – a reiterada epopeia humana de dominar o espaço e sobreviver ao tempo, ultrapassando-o; reencena o gesto prometeico de apoderar-se das coisas para conquistar o mundo; atualiza a antiga tradição poética de cantar as façanhas que conformam a condição humana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

- BARTHES, Roland. O que é o esporte?. In: *Serrote*, São Paulo, n. 3, Nov., p. 97-105, 2009.
- CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2007.
- COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *El bailaor de soledades*. Traducción de Dolores Aguilera. España, Valencia: Pre-Textos, 2008.
- FORTUNA, Felipe. Cardozo, a equação do lirismo. In: CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, p. 47-49, 2007.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogia da beleza atlética*. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- NAVES, Santuza Cambraia. *Da Bossa Nova à Tropicália*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.
- NORÕES, Everardo. Notícia biográfica. In: CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, p. 103-117, 2007.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.